

# COMO SÃO CONSTRUÍDOS OS ATOS DE FALA NO AUTORITARISMO DO GRANDE IRMÃO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DA OBRA “1984” DE ORWELL

Karol Garcia, UFPel\*

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise linguística da obra “1984” e possui como base o estudo da língua artificial presente neste romance. A obra possui característica distópica e representa um futuro autoritário, em que o governo do Grande Irmão utiliza a linguagem como um meio de manutenção do estado baseado na extinção do pensamento individual.

A novilíngua, na diegese, é um idioma criado pelo partido vigente na atmosfera fantástica que confunde sentidos antônimos a fim de que o falante não possa fazer distinção entre o que é positivo e o que é negativo. Para *ruim* em português, tem-se *dupliplusimbon* em novilíngua, bane-se uma possibilidade de léxico e aproxima-se o sentido da palavra *bom* ao sentido de *ruim*, induzindo o indivíduo à incapacidade de avaliação.

Por meio de um sistema linguístico todo um sistema político é constituído. Então, este trabalho, ao relacionar a língua artificial que constitui esse sistema às línguas naturais, também lança a hipótese de que o autoritarismo fictício e a língua que o mantém estão na sociedade real.

## 2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, observou-se a existência de um ponto de contato entre a novilíngua e as línguas naturais nas quais o romance é traduzido. Com esse propósito, evocou-se a análise morfológica (CÂMARA JR, 1970) de algumas palavras da língua artificial e a análise semântica (DUCROT, 1987) dos contextos nos quais esses vocábulos eram enunciados.

Através da observação das palavras, constatou-se que cada uma delas apresenta um ponto de contato com alguma língua natural. Fato que é interpretado como a manifestação da relação entre o autoritarismo distópico e a estrutura social real que influenciou a construção do contexto da obra de Orwell.

Neste momento, busca-se compreender o discurso autoritário do romance. Considerando as terminologias discutidas no artigo “Argumentação por autoridade” (DUCROT, 1981), um fragmento da obra será observado como um ato de enunciação, emitido por um locutor -L e que apresenta, na forma de marcas linguísticas, diferentes vozes enunciativas.

Dessa forma, apresenta-se uma leitura dos atos de fala (AUSTIN, 1990) aplicada a um enunciado que dialoga com a lógica construída da língua artificial. Por esse motivo, a proposta teórico-metodológica não poderia receber a mesma interpretação destinada às línguas naturais. O objetivo da macro-análise promovida neste espaço é observar por meio de qual mecanismo o enunciado *performativo* é efetivamente concluído na narrativa “1984” e se ele interage com a formação de sentidos da novilíngua.

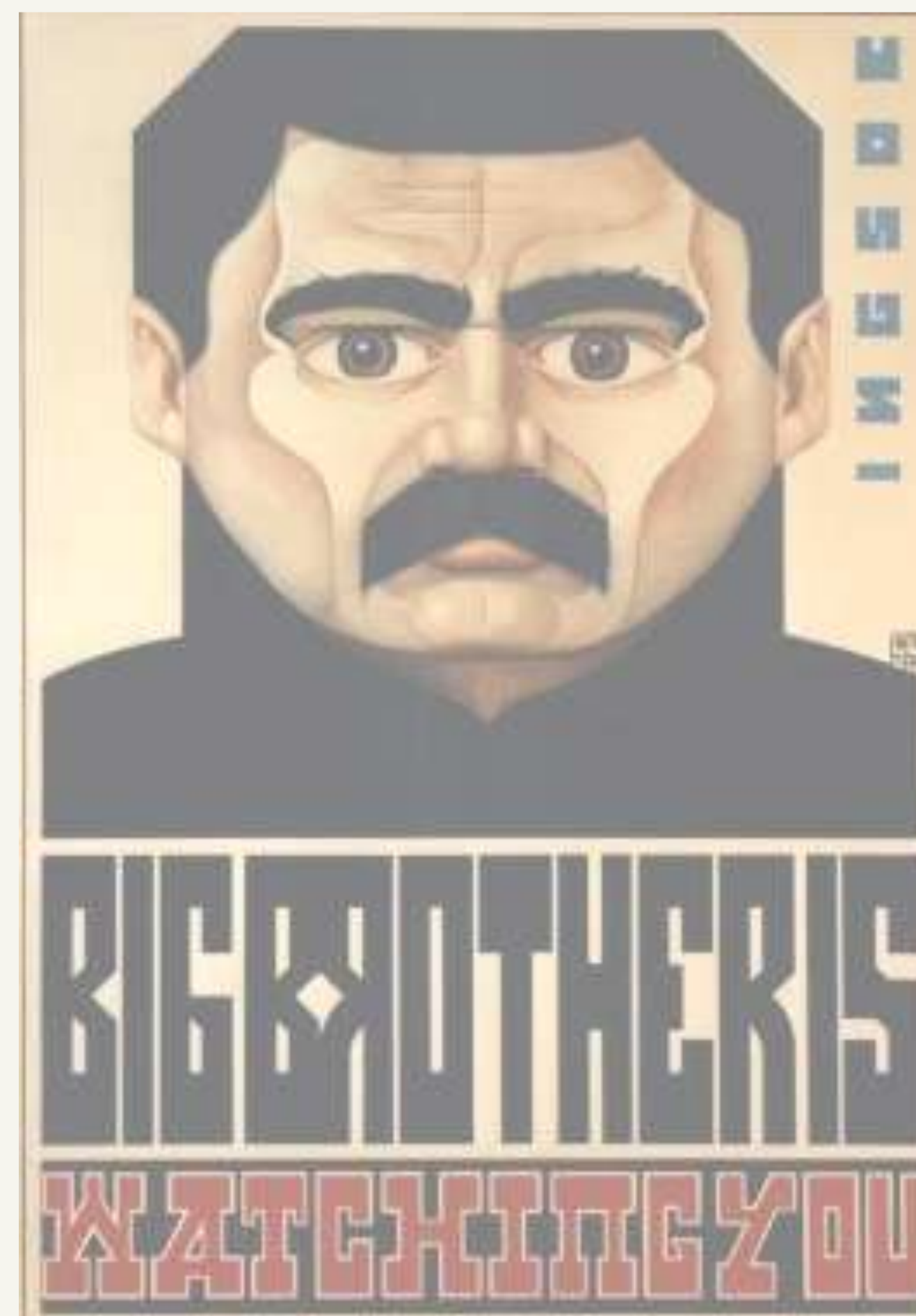
## 3. BREVE ANÁLISE E DISCUSSÕES

Tem-se o seguinte fragmento:

“-Camaradas! – Gritou uma voz juvenil–Atenção, camaradas! Temos gloriosas notícias! Ganhamos a batalha de produção! Os totais completos da produção de todos os artigos de consumo demonstraram que o padrão de vida aumentou de nada menos que vinte por cento sobre ano passado! Em toda a Oceania, houve incontáveis demonstrações espontâneas, com os trabalhadores marchando das fábricas e escritórios, e desfilaro pelas ruas, com estandartes exprimindo sua gratidão ao Grande Irmão, pela nova vida feliz que a nossa sábia liderança nos deu.”

Segundo Benveniste (2005), um enunciado *performativo* que não é ato não existe. Só tem existência como ato de autoridade. (p. 301). Então coloca-se que uma das vozes enunciativas é a do Grande Irmão ou estado da Oceania que pode ser visto como argumentador por autoridade (1981), responsável pela aderência de L ao seu ponto de vista ideológico.

O locutor, uma vez que foi identificado como um porta-voz do estado, possui a autoridade de tornar o discurso em ato. Ou, no caso de “1984”, os enunciados são vistos como meio de transformar o fictício em realidade. O ato de fala *performativo* não ocorre em “1984” como nas línguas artificiais, em que o indivíduo é, conscientemente, levado a uma ação. Na distopia, o discurso estatal age sobre o indivíduo, alterando a percepção que ele tem da realidade, induzindo à não-ação.



<http://orthanc.univap.br/fark/15.html>

## 4. BIBLIOGRAFIA

- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- DUCROT, Oswald. *Argumentação por autoridade* (1981) p. 139-159. In: DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Teoria da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

\*Aluna do Curso de Letras Português e Francês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal de Pelotas, integrante do grupo de pesquisa do CNPq “Línguas em Contato: na perspectiva do indivíduo e da sociedade” orientado pela Profa. Dra. Isabella Mozzillo.